

Máscaras, Álcool em Gel, Ação: o Cotidiano dos Profissionais de Saúde na Pandemia Narrado na Novela Amor de Mãe¹

Talison Pires VARDIERO²

Doutorando

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Mariana Ramalho PROCÓPIO³

Doutora

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

Resumo

Neste trabalho, temos por objetivo observar como a telenovela *Amor de Mãe*, com autoria de Manuela Dias, construiu o cotidiano dos profissionais de saúde durante a pandemia, causada pela Covid-19, no horário nobre, das 21h, da Rede Globo de Televisão. Por meio da análise de conteúdo, inspirada no trabalho de Júnior (2006), foi possível perceber a construção de uma narrativa similar à encontrada nos meios de comunicação sobre a exaustão dos trabalhadores desse segmento e sobre as emoções descritas por pacientes e trabalhadores dentro dos hospitais. A construção narrativa usada para retratar os profissionais de saúde parece se alinhar a uma narrativa de nação, conforme Lopes (2003), sem, contudo, abandonar as raízes da moral, dos bons costumes e do romantismo, traços já marcantes das obras ficcionais brasileiras.

Palavras-chave: História das Mídias Audiovisuais; Covid-19; Pandemia; Amor de Mãe; Novela.

Introdução

A entrada de um homem, 61 anos, com histórico de viagem para região da Lombardia - Itália, no Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo, foi o primeiro passo para que a população brasileira começasse, de fato, a se preocupar com a chegada do Sars-cov-2, conhecido popularmente como Covid-19 ou, simplesmente, como Coronavírus. Foi na quarta-feira, 26 de fevereiro de 2020, que o Ministério da Saúde, ainda chefiado pelo médico Henrique Mandetta, emitiu a confirmação que o primeiro caso da doença havia sido registrado em terras brasileiras.

¹ Trabalho apresentado no GT História das Mídias Audiovisuais, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: talison.vardiero@gmail.com

³ Doutora. Professora do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Viçosa, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: mariana.procopio@ufv.br

Caleffi e Pereira (2020) apontam que, ainda em fevereiro de 2020, a repercussão mundial do vírus invadia as nossas casas e comparava os noticiários a uma novela da vida real que passou a estar presente em todas as nossas telas, sejam elas, computadores, televisões, tablets e/ou celulares. Desde a descoberta do primeiro caso, o Brasil contabiliza até o dia 19 de junho – data de fechamento deste estudo - um total 500.868 mortes decorrentes da doença e o contágio 17. 883,750 brasileiros, de acordo com os dados oficiais do portal coronavirus.com.br.

Com o avanço do vírus e a rápida onda de contágio, a vida dos brasileiros foi modificada de maneira brusca. Sorrisos deixaram de ser vistos nas ruas e deram espaço ao uso de máscaras. Álcool em gel, água e sabão passaram a ser artigos fundamentais de higiene e os abraços e conversas deram espaço para o distanciamento social, ainda hoje a principal medida de segurança para evitar a contaminação.

A população encontrava-se (e ainda se encontra) dividida entre aqueles que acreditavam na ciência e nos riscos causados pela doença e entre pessoas, como o presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, que desacreditavam no potencial do vírus e sugeriam que se tratava apenas de uma ‘gripezinha’, como divulgado amplamente pela mídia. “Até gente que perdeu o tio, o pai ou a mãe se recusa a acreditar nos riscos da Covid-19. Fazem exercícios mentais para justificar que nada tem a ver com a tal gripezinha”, comenta o jornalista, Carlos Nascimento, na apresentação *A pandemia e eu* no livro *A (re)invenção do telejornalismo em tempos de pandemia*.

Guizzo, Marcello e Muller (2020), em *A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia*, destacam que a doença afetou as rotinas profissionais, nos mais diversos setores, e fez com que os trabalhadores se adaptassem aos novos cenários. Já no início, em determinados municípios e estados, foi preciso que creches, pré-escolas, escolas e universidades suspendessem atividades presenciais. Além disso, parte da indústria e do comércio, de restaurantes e de serviços em geral também foram fechados. “O delivery, o takeaway, o home office e o homeschooling foram imediatamente instalados ou intensificados (pelo menos, para as classes média e alta) como formas de manter as famílias em casa” (GUIZZO; MARCELLO; MULLER, 2020, p.3).

Dentre todas essas alterações, interessa-nos refletir sobre os trabalhadores de saúde e nas alterações de suas rotinas. Ribeiro et al (2020) destacam que as incertezas, juntamente ao excesso de trabalho e os riscos constantes a que os profissionais estão expostos, impactam diretamente na saúde mental desses profissionais, especialmente para o público

feminino que, na maioria das vezes, precisa conciliar o ofício com a vida doméstica. Além disso, diante da crise sanitária, é preciso mencionar que os profissionais de saúde acreditam que possuem responsabilidade social e profissional com os pacientes. “No entanto, isso se soma às preocupações com sua segurança e a de suas famílias, o que afeta a saúde mental, principalmente por presenciarem as mortes decorrentes da COVID-19” (RIBEIRO, ET AL, 2020, p. 8)

Segundo o estudo de Silva, et al (2021), há uma prevalência de ansiedade nesse grupo durante a crise sanitária e ela está presente em todos os continentes do globo.

A ansiedade foi mais prevalente nos profissionais do sexo feminino, enfermeiros, que atuam na linha de frente, infectados pelo SARS-CoV-2 e que apresentavam doenças crônicas. Há escassez de estudos nos países com maior número de casos como Brasil e Estados Unidos e entre profissionais com importante atuação na pandemia como fisioterapeutas. Medidas que visem a prevenção e o tratamento da ansiedade nos profissionais de saúde que atuam no combate a COVID-19, bem como o fornecimento de seguimento e suporte adequados para os com ansiedade moderada e grave, são necessárias para melhorar a qualidade de vida e para garantir a força de trabalho fundamental para o enfrentamento da pandemia, bem como a saúde mental destes profissionais no período pós-pandemia. (SILVA, ET AL, 2021, p. 706)

Para além das consequências percebidas na vida deste grupo de trabalhadores, é preciso também ampliar as discussões, nesse momento, para alcançar as políticas públicas sobre saúde. Vedovato et al (2021) sinalizam que é um dever ético, moral e político da sociedade ofertar o cuidado em saúde para os profissionais que estão na linha de frente do combate ao vírus, “além do seu reconhecimento social, não somente com palmas, mas com políticas públicas que propiciem melhores condições de trabalho e que vigorem mesmo após a pandemia de coronavírus.” (VEDOVATO, ET AL, 2021, p. 12)

As experiências vivenciadas pelos profissionais de saúde no contexto da pandemia chegam até nós, em grande medida, pelas narrativas midiáticas, tanto em reportagens e programas jornalísticos como em programas de entretenimento. Estes últimos, quando apresentados sob o gênero telenovela, são construídos a partir das vivências, ideologias, virtudes e problemas sociais que debatem temas cotidianos dentro da agenda pública

Neste trabalho, interessa-nos observar como o cotidiano dos profissionais de saúde foi representado na telenovela *Amor de Mãe*, produção que teve seu enredo interrompido, especificamente no sábado, 21 de março de 2020, mas foi a primeira a poder concluir a trama e, ainda, ser pioneira em apresentar algumas vivências do povo brasileiro, em meio

ao quadro epidemiológico. Após quase um ano interrompida, a Rede Globo decidiu exibir antes dos capítulos finais de *A Força do Querer* - obra de Glória Perez reprisada durante o hiato forçado de *Amor de Mãe* - a recapitulação dos 102 episódios apresentados na primeira fase da novela, exibidos entre novembro de 2019 e março de 2020. Apenas no dia 15 de março de 2021 a emissora começou a exibição dos novos 23 episódios que finalizaram a narrativa ficcional no dia 9 de abril, com repetição do último episódio no dia seguinte.

Segundo a coluna sobre telenovelas do pesquisador Nilson Xavier, na semana que antecedeu o retorno da ficção seriada, Manuela Dias já havia informado que haveria algumas surpresas juntamente aos capítulos inéditos, entre elas, que a segunda fase começaria com um salto de seis meses no tempo, logo após Thelma (Adriana Esteves) atropelar propositalmente Rita (Mariana Nunes). A narrativa chega a este ápice quando a vilã é ameaçada de ter seu segredo revelado e que todos descobrissem que Danilo e Domênico, ambos vividos por Chay Suede, eram a mesma pessoa. Também entre as surpresas, a autora revelou precisar trazer para o enredo ficcional questões relacionadas à pandemia, inserindo os personagens a essa nova realidade, sem perder a essência da trama.

Manuela Dias afirmou que precisou se adaptar à realidade, inserindo a Covid-19 na trama, com personagens de máscara, comentários sobre a pandemia, a professora Camila em aulas online, álcool em gel na bolsa de Lurdes, etc.: “Relutei em colocar a pandemia por uns dois meses, até que saíram os protocolos e o meu novo desafio foi ajudar a viabilizar os protocolos. (XAVIER, 2021, s/p)

Além disso, Manuela Dias também ressaltou que a doença não seria o foco da história, pois ela não se trata de algo específico sobre a pandemia, porém, a Covid-19 foi representada como mais um obstáculo para que os personagens realizassem os seus sonhos. Também destacou que o novo coronavírus é citado como um fator de ambientação da história no tempo. “À medida que a trama avançar, uma legenda na tela informará quantos mortos e infectados havia no Brasil no ponto em que a história se encontra. A segunda fase começa com 9 mil mortos”.

Nosso objetivo é, pois, observar como o trabalho dos profissionais de saúde, contextualizados com a pandemia do Coronavírus, se fez presente na telenovela *Amor de Mãe*. A escolha metodológica da Análise de Conteúdo, baseada nos estudos de Júnior (2006), nos permitiu analisar os 23 episódios da segunda fase da telenovela e avaliar, especificamente o objeto indicado e a forma como a pandemia foi inserida nas tramas.

Narrativas ficcionais construídas por meio de um discurso de nação

Lopes (2003) aponta que a televisão e a telenovela são imprescindíveis para o desenvolvimento de um novo espaço público, em que as situações passam a ser dialogadas por todos os segmentos sociais, e não apenas por intelectuais.

No mínimo é irônico que um programa inicialmente classificado pela indústria como entretenimento dirigido às mulheres de nível socioeconômico C tenha dominado o horário nobre da televisão brasileira e se transformado num fórum de debates sobre a nação, compartilhado por um público nacional composto por mulheres, homens e crianças em todos os grupos sociais e locais do território nacional. A novela talvez seja um exemplo único de como um sistema de mídia televisivo pode ser responsável pela emergência de um espaço público peculiar que nos anos atuais se diversificou e se apresenta como alternativa principal de realização pessoal, inclusão social e de poder, isto é, como uma nova forma de cidadania (LOPES, 2003, p. 32)

Ainda segundo a pesquisadora, a telenovela conquistou espaço entre os principais produtos da indústria televisiva e tornou-se um espaço primordial para a problematização do país, pois consegue abranger da intimida privada até os mais diversos problemas sociais. Além disso, as narrativas ficcionais também tem a capacidade de retratar questões domésticas, ficção e, ainda, representar notícias através das tramas. “É isso o que, a meu ver, tipifica a telenovela brasileira e que cria o quase paradoxo de se “ver” o Brasil mais nessa narrativa ficcional do que no telejornal” (LOPES, 2009, p. 26).

São por meio desses enlaces que a telenovela constrói uma narrativa ficcional muito próxima as vivências do mundo concreto. Para Motter (2003), o modo como o real é representado em determinadas tramas chamam atenção pelo rigor que buscam a verossimilhança e pela aproximação do cotidiano da telenovela com o do telespectador, o que diminui progressivamente o espaço a ser preenchido por ele, reduzindo a consciência de que está diante de uma representação. “Tudo é tão perfeito, tão pleno de detalhes que o mundo da tela e o mundo diante da tela são duas realidades co-presentes, uma não sendo mais real ou ficcional que a outra” (MOTTER, 2003, p. 55).

Luz, câmera, MÁSCARA, ÁLCOOL EM GEL e ação

Conforme apresentado na introdução deste trabalho, para fins de organização metodológica, inspiramo-nos na análise de conteúdo proposta por Júnior (2006), pois, de

acordo com o autor, por meio de tal abordagem, há a possibilidade do uso de uma técnica híbrida e nos permite a realização de uma investigação qualitativa, além de valorizar diferentes aspectos segundo as ideologias dos pesquisadores e poder ser utilizado em parceria com outras técnicas de investigação.

Após assistirmos os 23 capítulos, destacamos o grupo de cenas nas quais estavam presentes profissionais de saúde. Para melhor percepção da investigação, conseguimos categorizá-las em quatro tópicos principais: A função pedagógica dos capítulos iniciais; Discursos de valorização da equipe de saúde; Cuidar também adoce; e O contágio da Enfermeira.

Importante destacar que outros temas que foram tratados superficialmente durante a narrativa, como, por exemplo, o diálogo que o médico Matias (Milhem Cortaz) tem com um amigo e diz o quanto fica feliz em poder conversar com alguém sobre algo que não seja a doença. Também houve poucos diálogos sobre a escassez de profissionais de saúde e da falta de recursos do Hospital do Passeio para ampliar a estrutura de atendimentos a pacientes com Covid-19, mas, que na ficção, recebeu uma ajuda milionária de Raul (Murilo Benicio) que arca com a doação para não envolver o capital da construtora PWA. No entanto, essas cenas foram percebidas como parte da narrativa cotidiana comum desenhada pelo enredo e não como questões de destaque.

Nossa categorização nos permitiu compreender que a trama trouxe mais rotineiramente a vivência hospitalar encarada pela enfermeira Betina (Isis Valverde) que se encontra como cuidadora e, em seguida, como pessoa contagiada pela Covid-19 e em segundo plano o médico Matias (Milhem Cortaz).

4.1 FUNÇÃO PEDAGÓGICA DOS CAPÍTULOS INICIAIS

Apesar de a narrativa apelar para o lado emocional do telespectador, principalmente ao abordar a incansável busca de Lurdes (Regina Casé) - uma mãe que não desiste de encontrar o filho vendido pelo pai, ainda quando pequeno, Domênico / Danilo (Chay Suede) - percebe-se na obra a verossimilhança em relação à vivência dos brasileiros, diante da crise sanitária.

Ao longo da construção da narrativa, a pandemia, tema que foi elemento da composição da segunda parte da telenovela, se envolveu com o cotidiano ficcional dos personagens, mas também foi capaz de fazer com que os telespectadores pudessem rever

pedaços das próprias rotinas, não apenas nos telejornais, mas também por meio de “Amor de Mãe”.

Antes de enveredarmos pelo objeto específico da análise, há alguns antecedentes que precisam ser destacados. Logo na primeira cena, do episódio de retorno, exibido no dia 15 de março de 2021, houve uma mensagem explicativa sobre a passagem de tempo da história, período equivalente há seis meses desde o final do último episódio. Além disso, por auxílio de um narrador invisível, o episódio começa a ser contado - dentro daquele tempo ficcional que não era o mesmo que o do telespectador - que o vírus havia assolado o Brasil e que o isolamento social se tornou a principal ferramenta para conter a pandemia.

O aviso também alertava que o quadro epidemiológico havia atingido o mundo inteiro e que em dois meses, após o início da crise sanitária, o país tinha mais de 130 mil infectados e 9 mil óbitos. Ainda vale destacar que, durante a escrita da trama, não existia a possibilidade de recontágio pela doença, o que fez com que em cada final de capítulo a informação fosse inserida para que as pessoas não descartassem a possibilidade de se contrair novamente a doença e continuassem a aderir às medidas protetivas.

Ainda, vale destacar que em todos os episódios, mas principalmente nos primeiros, houve uma preocupação pedagógica, por parte da escritora, Manuela Dias, em prestar uma ação social para orientar aos telespectadores e incentivar as boas práticas, não apenas sobre o uso de máscaras, álcool em gel ou distanciamento social, mas também em relação às condutas profissionais, como, por exemplo, a manutenção dos empregos, durante a crise sanitária, pela construtora PWA, cujo presidente era o personagem Raul (Murilo Benício) e o trabalho da professora Camila (Jéssica Ellen) em que eram demonstradas as distintas realidades dos alunos que vivem nas periferias e o papel e os desafios da educação diante de um cenário de excepcionalidade.

Nessa perspectiva, a telenovela fez com que o público se emocionasse, mas também que tivesse um espaço para reflexão, como cita Drummond (2015), tronando-se um instrumento transmissor de valores. “Mesmo que se trate de histórias de ficção, a busca por referências em personagens e situações que reflitam a realidade acaba conferindo aos folhetins um enorme potencial de educar e formar opiniões” (DRUMMOND, 2015, p. 10).

Durante os episódios, além dos conflitos vividos no Hospital do Passeio, pudemos assistir às imagens de ruas vazias, para incentivar o recolhimento das pessoas dentro das próprias casas; conversas sensíveis realizadas entre as videochamadas, mas sem esquecer de representar as saudades, distâncias e as dificuldades de adaptação ao diálogo entre telas,

como, por exemplo, quando Lurdes (Regina Casé) conversava a distância com a filha Camila (Jéssica Ellen) ou com a patroa Lídia (Malu Galli) e que comenta com os filhos “o quanto é difícil conversar por meio dos quadradinhos”; além disso, a todo momento foram incentivados o uso de máscaras, álcool em gel e do distanciamento social.

Inclusive, na segunda cena do primeiro episódio - após a abertura contada pelo narrador invisível - é apresentado um diálogo, dentro de casa, entre a personagem Lurdes (Regina Casé), junto aos filhos Magno (Juliano Cazarré), Érica (Nanda da Costa) e Ryan (Thiago Martins) com um cunho bastante pedagógico, sobre a importância do uso de máscaras de proteção tripla e com poucos vazamentos para se proteger do vírus. Além disso, a matriarca da família desejava sair, para cumprir a promessa anual de servir quentinhas aos moradores de rua, e os filhos tentaram impedi-la apontando que ela fazia parte do grupo de risco por ser idosa.

Nessa perspectiva, ainda no primeiro episódio, em uma cena entre Camila (Jéssica Ellen) e Thelma (Adriana Esteves) há uma conversa sobre a necessidade de se manter o isolamento social. A busca em reforçar a narrativa do mundo real se repete quando Vitória (Taís Araújo) está com o filho e diz para ele que não é possível brincar no parque porque o mundo inteiro está isolado por causa da crise sanitária.

Em síntese, reiteramos que as cenas destacadas nesta categoria foram por nós percebidas com uma função discursiva estratégica, não apenas de contextualização e retomada do mote narrativo principal, mas, sobretudo, com visada pedagógica, de reforço das principais informações sobre riscos, formas de contágio e medidas de proteção para evitar o contágio pelo coronavírus.

4.2 DISCURSOS DE VALORIZAÇÃO DA EQUIPE DE SAÚDE

Como segundo eixo de categorização, encontramos as cenas nas quais era possível perceber uma representação positiva do trabalho dos profissionais de saúde. A novela aborda as experiências da equipe de saúde por meio de três personagens principais: a enfermeira Betina (Isis Valverde) e os médicos Matias (Milhem Cortaz) e Jane (Isabel Teixeira). Além desses, há a figuração de outras personas coadjuvantes que representaram a equipe multidisciplinar da saúde.

A primeira cena que trata a realidade dos profissionais de saúde acontece durante um diálogo casual entre a enfermeira Betina (Isis Valverde) e o noivo Sandro (Humberto

Carrão). Interrompidos por uma reportagem, de um noticiário local, nas proximidades do Hospital do Passeio, a entrevistada, Jane (Isabel Teixeira), na figura da especialista, explica para os telespectadores, que o espaço de saúde está quase com 100% dos leitos ocupados. Pede para que o público redobre os cuidados e conta a experiência de ter sido uma das infectadas pelo vírus.

Durante a fala da personagem, ela chega a explicitar “nesse momento delicado, pedimos a você que fique em casa. Já está comprovado pela experiência de diversos países que o isolamento social é o único método eficaz para conter a disseminação do vírus.” Só para constar, essa é única cena em que a personagem aparece como profissional de saúde, antes de ser enganada por Thelma (Adriana Esteves), que encena possíveis sintomas de Covid-19 para encontrar a amiga - que sabia os segredos sobre o passado da vilã - e matá-la.

Em sequência, enquanto Sandro (Humberto Carrão) retorna ao ato de embalar cestas básicas para entregar as pessoas em vulnerabilidade social, Betina (Isis Valverde) que estava afastada da profissão, decide que é o momento de voltar a atuar como enfermeira. Apesar de o noivo tentar impedi-la, a personagem diz que é a hora de voltar para o hospital e de forma corajosa afirma: “É isso que um profissional de saúde faz. Vai para o hospital ajudar os outros. Não existe ex-enfermeira.”

As cenas demonstram a valorização da equipe de Enfermagem. Betina (Isis Valverde), também acionista da construtora PWA, em reunião do conselho da empresa diz que vai se desligar da construtora e faz um discurso empoderador ao ressaltar que é enfermeira por formação e de alma, e, na atual circunstância, abandona temporariamente o papel de acionista para voltar a trabalhar no Hospital do Passeio. “Existem compromissos que a gente tem firmado na vida da gente e que são pra sempre. Ser enfermeira e ser médico são pra sempre e eu gostaria que vocês soubessem disso”, explica a personagem.

A enfermeira, antes de voltar a trabalhar no hospital, também traz questões da vida pessoal, como, por exemplo, contar para a mãe, por videochamada, a decisão de retornar ao antigo trabalho, apesar do perigo. Também surge o conflito do noivo que se preocupa em permitir que ela coloque a vida em risco, mas acaba assumindo que a futura esposa é uma das pessoas mais incríveis que conhece ao largar o conforto de casa para enfrentar a pandemia. “Isso vai passar, diferente do meu amor por você, que não vai passar”, diz Betina ao noivo. Além disso, prepara uma surpresa para Sandro para pedi-lo em casamento e diz que quando tudo isso passar, vai querer conhecer o mundo ao lado dele. Antes de finalizar a

cena, Sandro (Humberto Carrão) pergunta “Como você vai para a guerra?” e ela responde “Todo dia no hospital é uma guerra, mas preciso do seu apoio para que tudo dê certo.”

A cena nos remete a afirmação de Brandão e Fernandes sobre o quanto, ao longo da existência, a telenovela consegue tratar temas polêmicos, denúncias e projetos sociais:

(...) mas nada disso poderá ser mostrado se no pano de fundo não houver um enredo folhetinesco, com muitas situações melodramáticas, onde o bom intérprete deve desfilhar suor e lágrimas, talvez tragicômicas buscando o reforço nas emoções primárias da audiência onde os dramas familiares formam um entrecho mais comumente utilizado (BRANDÃO; FERNANDES, 2012, p. 23).

Após uma noite de amor, Sandro (Humberto Carrão) observa Betina (Isis Valverde) e pergunta se ela desistiu de casar. Ela responde que irá ao hospital para assinar o papel e se reintegrar à equipe no outro dia. “Eu só quero que essa pandemia acabe. Quando será que ela vai acabar, hein?”, pergunta Sandro.

As cenas destacadas nos permitem perceber a valorização positiva do trabalho dos profissionais de saúde. Percebe-se que são exaltadas características como responsabilidade, coragem, ética, compromisso público, para além das demandas de ordem individual.

4.3 CUIDAR TAMBÉM ADOECE

Inicia-se essa parte do estudo quando a enfermeira vai ao hospital assinar a documentação e conversar com Matias (Milhem Cortaz) que fica feliz em recebê-la, pois afirma que é uma excelente profissional e que irá fazer diferença ao regressar a equipe. Além disso, o médico reconhece o quanto Betina (Isis Valverde) é corajosa ao retornar para a profissão durante aquele período nefasto.

Logo no primeiro dia no hospital, Betina (Isis Valverde) se depara com a equipe multiprofissional em saúde toda paramentada, fazendo manobras respiratórias para tentar salvar a vida de pacientes internados em decorrência da Covid-19. Antes de começar a cumprir o ofício, a enfermeira conversa com Matias (Milhem Cortaz) e é possível sentir a exaustão do personagem e, ao perceber o quanto o médico está cansado, ela reafirma o papel da Enfermagem e diz que está ali para tudo o que for preciso.

Em seguida, vemos a enfermeira tirar a aliança, guardá-la, vestir o uniforme e os equipamentos de proteção individual (EPIs), enquanto soa uma música forte ao fundo, que enfatiza o risco que a personagem se encontra e demonstra que nem os profissionais mais

qualificados foram preparados para tal situação de excepcionalidade. Logo que Betina (Isis Valverde) inicia o plantão, observa a equipe multidisciplinar de saúde correndo pelos corredores do hospital. A cena pareceu ter o objetivo de apresentar a quão intensa era a rotina daqueles trabalhadores, assim como tem acontecido no mundo fora das telas.

Algumas cenas traziam à tona, as notícias encontradas nos jornais, como, por exemplo, os familiares na porta do hospital que desejavam ter notícias dos hospitalizados. Além disso, um dos episódios mostra Betina (Isis Valverde) chegando em casa exaurida, preocupada e ao iniciar o banho, mais uma vez, a edição utiliza-se de uma música que causa comoção, para mostrar o sentimento de ansiedade e exaustão vivida pela enfermeira, assim como os estudos de Silva et al (2020), Vedovato et al (2021) e Ribeiro (2020) narram sobre as angustias desses trabalhadores no mundo concreto.

A narrativa vai se tornando ainda mais próxima a realidade dos brasileiros quando Nuno (Rodolfo Vaz) encontra-se internado, acometido pela doença. O personagem, representado por um dono de bar, conhecido de Danilo (Chay Suede), precisa permanecer no hospital após sentir os primeiros sintomas de Covid-19, sob uma maca, conversa com Betina (Isis Valverde) e afirma que não pode morrer porque tem uma filha. Ele, já utilizando um balão de oxigênio, é acompanhado pela enfermeira que diz que ele precisa descansar e ficar calmo e, em hipótese alguma, sair do quarto.

Logo em outra cena, Nuno (Rodolfo Vaz) conversa com a filha por videochamada. Mesmo usando o balão de oxigênio, tenta transparecer estar bem, enquanto a jovem, em casa, tenta demonstrar naturalidade para que não coloque a vida do pai em risco, mas chora assim que a ligação é finalizada. Enquanto isso, no Hospital, Betina (Isis Valverde) aumenta o oxigênio de Nuno (Rodolfo Vaz) e pede que ele descanse, porque foram muitas emoções vividas. Ao despedir-se do paciente, diz que retornará em breve, mas, antes que pudesse sair da sala, o aparelho vital começa a apitar e a enfermeira faz técnicas para reanimar o paciente de todas as formas e pede que os colegas de trabalho busquem o médico.

Matias (Milhem Cortaz) chega ao ambiente e consegue deixar o paciente estável e pede que sejam feitos novos exames em Nuno (Rodolfo Vaz). Betina (Isis Valverde) se retira de cena e vai para a sala dos profissionais de saúde para descansar. A exaustão transparece pelo rosto da enfermeira. O médico vai até ela e conta que sem os esforços e a rápida ação, o paciente haveria chegado a óbito. Ela chora e conta que quando ele pediu para falar com a filha parecia que estava sentindo que iria morrer. Ao perceber o estado da

profissional de saúde, Matias (Milhem Cortaz) diz que o expediente dela já havia acabado e que era hora de ir para casa descansar.

As descrições acima apresentadas, visam, pois, a ilustrar a categorização apresentada – cuidar também adocece. Nesta categoria, identificamos a preocupação em destacar alguns problemas enfrentados pela equipe de saúde, decorrentes sobretudo da exaustão e do intenso desgaste no contexto da pandemia.

4.4 O CONTÁGIO DA ENFERMEIRA

Após reanimar, Nuno (Rodolfo Vaz), a enfermeira retorna para casa e conversa com o noivo Sandro (Humberto Carrão) sobre a situação do paciente. Durante a videochamada, conta que na hora do desespero precisou tirar a máscara e acabou passando a mão no rosto, uma ação que poderia ter colocado a sua vida em risco, considerando a possibilidade de contágio por Covid-19. No entanto, explica que ficou com pena ao vê-lo conversar com a filha e com medo que ele morresse em seguida, mas, naquele momento, sentia-se preocupada em ter sido contaminada, pois no hospital todos já haviam sido infectados. Na conversa ela diz “é como se fosse uma fila em que as pessoas esperam e se preparam para serem contagiadas.”

Como previsto, a enfermeira acaba contraindo a doença e fica à beira da morte na Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Entretanto, Sandro (Humberto Carrão) só descobre a gravidade do estado de saúde da esposa quando tenta visitá-la no Hospital do Passeio e acaba sendo proibido de ter acesso a ela pelos profissionais do local. “Na UTI da Covid-19 não pode haver visita”, diz a recepcionista do hospital. A negativa da atendente faz com que o rapaz se revolte com a situação. Quando seus pais chegam ao estabelecimento de saúde, o jovem desabafa e lembra quantas vezes pediu para que a enfermeira se cuidasse.

Para amenizar a dor e as saudades, Sandro (Humberto Carrão) gravou um vídeo emocionado para a esposa pedindo para que ela melhore logo. Matias (Milhem Cortaz) mostra o vídeo para Betina (Isis Valverde) que chora ao receber a mensagem do marido, entretanto, o médico alerta para que ela fique calma, para que não seja prejudicado o seu estado de saúde, e pede para que a enfermeira confie nele.

Enquanto eles conversam, ouve-se o barulho de aplausos e a equipe comemora a alta de Nuno (Rodolfo Vaz) que pela vidraça agradece a Betina (Isis Valverde) dizendo que ela salvou a vida dele e que irá orar para que ela possa melhorar também.

Durante a narrativa, há uma passagem de cerca de dois meses, tempo que não permitiu que a análise se aprofundasse no caso dos cuidados com a enfermeira. Tanto que quando Sandro (Humberto Carrão) busca Betina (Isis Valverde) já curada no hospital, o enredo teve mais a intenção de romantizar o reencontro dos dois que demonstrar a real situação da paciente. Ao sair, ela também foi aplaudida pelos colegas de trabalho e chora de emoção por estar viva e se recuperar da Covid-19.

Por fim, nos capítulos finais, a enfermeira diz que a situação da pandemia havia diminuído e que o hospital iria demitir todos os contratados específicos da ala de Covid-19, inclusive ela. Após, a rotina da enfermeira fora dos hospitais volta a total normalidade.

Essa última categoria nos indica o principal risco enfrentado pelos profissionais de saúde: a contaminação. Percebemos o destaque, no caso da novela, a uma narrativa de superação, já que a enfermeira se recupera da doença. Entretanto, segundo o levantamento feito pela Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen/Brasil), divulgado pelo Portal UOL, houve 929 registros de falecimentos na categoria em 2020. Além disso, apenas nos dois primeiros meses de 2021, a situação se intensificou e foram catalogadas 476 mortes em profissionais da área, sendo que, as principais vítimas foram os enfermeiros.

5 Considerações finais

A telenovela é uma narrativa televisiva, cujo enredo encadeia um conjunto de acontecimentos. No caso da telenovela *Amor de Mãe*, o enredo inicial – a busca de Lurdes (Regina Casé) por seu filho Domênico (Chay Suede) - precisou ser adaptado em função não só da paralisação dos trabalhos decorrentes da pandemia, mas também para se atualizar frente ao “novo normal” que o coronavírus trouxe para todas as esferas da sociedade. Muniz Sodré (1983) destaca que o sucesso da ficção é aliar a “ficção sem fantasia” e uma “moral doméstica”, possibilitando que o telespectador sincretize e homogeneíze o real e o imaginário, fazendo que seja capaz de incorporar tais fatos da contemporaneidade.

O espaço ficcional permeou o cotidiano brasileiro, tornando porosa a barreira entre o real e a história televisiva. Percebe-se que a narrativa se assemelha às realidades, tanto descritas em meios de comunicação, como em outras propostas de estudos que investigam e abordam os mais diversos cotidianos na pandemia. Como explicita François Jost (2009), por meio de uma realidade subjetiva, inventada através de pedaços entrepercebidos, os

telespectadores acompanharam a história como se fosse parte de sua própria existência. Apesar de não serem os personagens principais, foi possível criar vínculos e identificar-se com as vivências.

Por meio de imagens, com uma alta resolução, aumentou-se ainda mais a proposta de criar um ambiente real dentro dos lares do público. Como cita Maia (2007), foi possível desenvolver uma ilusão que fez com que tudo que foi apresentado na televisão pudesse parecer ainda mais real, em determinados momentos, até aproveitando-se dos conteúdos dos telejornais o que faz com que o público esqueça que a televisão é um meio de mediação e não um inventor de realidades.

Amor de Mãe foi pioneira em narrar à pandemia. Foi à primeira telenovela que levou o tema para as telinhas e conseguiu assemelhar-se com o real, mesmo que com algumas falhas, entre elas, os discursos de que pessoas que já contraíram o vírus estariam imunes. Mas, há marcos fundamentais, como, por exemplo, a valorização dos trabalhadores de saúde, principalmente, nos discursos de empoderamento de profissionais de Enfermagem; as tramas de vivências e desesperos vivenciados nos hospitais; e o desgaste da equipe responsável em cuidar dos contaminados. A sensibilidade ao trazer as histórias de pessoas comuns para a novela merece os devidos créditos e, como explicitado, por Lopes (2003), abriram espaços para debates e narrativas da Nação.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Cristina; FERNANDES, Guilherme Moreira. **Telenovela brasileira: formato que vem se impondo há seis décadas**. In: BRANDÃO, Cristina; COUTINHO, Iluska; LEAL, Paulo Roberto Figueira (Org.). **Televisão, cinema e mídias digitais**. Florianópolis: Insular, 2012. p. 19-46.

CALEFFI, Renata; PEREIRA, Ariane. **De frente para a TV, testemunhamos um novo modo de fazer jornalismo**. In: A (re)invenção do telejornalismo em tempos de pandemia. Org: EMERIM, Cárilda; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska. 1 edição, Santa Catarina: editora Insular, 2020.

DRUMMOND, Lucas. **50 Anos de Telenovelas: a trajetória da representação homossexual e o beijo gay que parou o Brasil**. Curitiba: Appris, 2015.

GUIZZO, Bianca Salazar; MARCELLO, Fabiana Amorim; MULLER, Fernanda. **A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia**. In: Educ. Pesqui., São Paulo, v. 46, e238077, 2020.

JOST, François. **O que significa falar de “realidade” para a televisão?** In: GOMES, Itania Maria Mota (Org.). **Televisão e realidade**. Salvador: Edufba, 2009. p. 13-30.

JUNIOR, Wilson Côrrea da Fonseca. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Atlas S.A., 2006.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação.** Comunicação e Educação, São Paulo, n. 26, p. 17-34, jan.-abr. 2003.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Telenovela como recurso comunicativo.** Matrizes, São Paulo, n. 1, ano 3, p. 21-47, 2009.

MADEIRO, Carlos. **Com pandemia, morte de profissionais de saúde cresce 24,5% no país em 2020.** In: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/04/06/com-pandemia-morte-de-profissionais-de-saude-cresce-245-no-pais-em-2020.htm> > 19 de junho de 2021 às 14h00

MAIA, Aline Silva Correa. **Telenovela: projeção, identidade e identificação na modernidade líquida.** E-Compós, Rio de Janeiro, v.9, n.2, p.2-24, ago. 2007.

MOTTER, Maria de Lourdes. O que a ficção pode fazer pela realidade? **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 26, p. 75-79, jan./abr. 2003.

MOTTER, Maria Lourdes. **Ficção e realidade:** a construção do cotidiano na telenovela. São Paulo: Alexa Cultural, 2003.

NASCIMENTO, Carlos. **A pandemia e eu.** . In: A (re)invenção do telejornalismo em tempos de pandemia. Org: EMERIM, Cárlica; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska. 1 edição, Santa Catarina: editora Insular, 2020.

RIBEIRO, Adalgisa Peixoto, et al. **Saúde e segurança de profissionais de saúde no atendimento a pacientes no contexto da pandemia de Covid-19: revisão de literatura.** In: Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, (2020)

SILVA, David Franciole Oliveira, et al. **Prevalência de ansiedade em profissionais da saúde em tempos de COVID-19: revisão sistemática com metanálise.** In: TEMAS LIVRES • Ciênc. Saúde Colet. 26 (02) • Fev 2021

SODRÉ, Muniz. **A comunicação do grotesco.** 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

VEDOVATO, Tatiana Giovanelli, et al. **Trabalhadores(as) da saúde e a COVID-19: condições de trabalho à deriva?** In: Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, 2021.

XAVIER, Nilson. **Amor de Mãe volta com salto de seis meses e abordando Covid-19; confira as novidades.** In: Tv História, 1 de março de 2021. Acesso em < <https://tvhistoria.com.br/amor-de-mae-volta-com-salto-de-seis-meses-e-abordando-covid-19-confira-as-novidades/> > 5 de março de 2021, às 16h38.